

uma futura ferrovia, ganhou muito dinheiro dos prefeitos das cidades por onde estava previsto passar a linha, ao garantir-lhes que suas cidades não estavam na rota proposta, mas que ele poderia "arranjar" as coisas em troca de algum dinheiro. Gurdjieff não tinha objeções quanto a ganhar dinheiro por meios de legalidade duvidosa, e com prazer relata numerosas histórias semelhantes em seu livro. Usou o dinheiro para viajar com um amigo, Sarkis Pogossian, em busca dos membros remanescentes da antiga Fraternidade Sarmoung, que, diz Gurdjieff, estabeleceu-se na Babilônia em 2500 A.C..

Segundo Gurdjieff, foi Pogossian quem lhe passou o grande segredo a respeito do trabalho. Pogossian jamais ficava meramente relaxado — estava sempre a balançar os braços com ritmo, a marcar o tempo com os pés ou a mexer com os dedos. Explicava a Gurdjieff que procurava acostumar toda a sua natureza a amar o trabalho, a eliminar a lassidão. Evidentemente, possuía em alto grau o sentido da inutilidade do tempo perdido. Disse a Gurdjieff: "Estou convencido de que neste mundo nenhum trabalho consciente é jamais desperdiçado (...)"

A conclusão é óbvia, mas não pode ser subestimada. Crowley, como a maioria dos "magos", desperdiçava a vida mudando incansavelmente de uma atividade inútil para outra. Por quê? Por ser movido pelo desejo negativo de escapar ao tédio, de fugir à sensação de que se parasse de se movimentar, a vida também pararia. É uma sensação negativa do vazio da vida que os move. A crença de Pogossian de que todo trabalho no fim das contas "vale a pena" representa obviamente o antídoto dessa atitude e constitui o segredo de que todo mago precisa.

Pogossian e Gurdjieff envolveram-se numa briga em Esmirna, e os marinhos ingleses que ajudaram a defender acabaram permitindo que viajassem num navio de guerra até Alexandria. A partir daí, Gurdjieff prosseguiu até Jerusalém, enquanto Pogossian dirigia-se à Inglaterra para estudar engenharia. No Egito, conheceu o Príncipe Yuri Lubovedsky, que parece ter-lhe apresentado a idéia de "trabalhar sobre si mesmo". Um dervixe persa disse-lhe mais tarde que ele perdia tempo com a prática da Hatha Yoga, e explicou que o corpo é uma máquina complexa: "Quando você conhece todos os pequenos pinos e parafusos de sua máquina — só então sabe o que deve fazer."

Gurdjieff viajou muito até os quarenta anos de idade. Segundo seu próprio relato, visitou mosteiros por toda a Europa e Ásia, e até participou de uma expedição em busca de uma cidade oculta no deserto de Gobi. (Voltaram todos quando um dos membros do grupo morreu devido à mordida de um camelo com raiva.)

Foi pouco antes da Primeira Guerra Mundial que Ouspensky conheceu Gurdjieff. Ouspensky era outro que "procurava", já tendo visitado o Oriente em busca de conhecimentos secretos. Estava frustrado. Quando voltou para Moscou, sentiu que a busca por enquanto atingira um beco-sem-saída. Proferiu algumas palestras sobre suas viagens, e soube que precisava conhecer Gurdjieff. Encontrou um homem pequeno, bigode preto, rosto como o de um

rajá, que respondia às suas perguntas sobre conhecimentos ocultos com precisão e meticulosidade, sem procurar mistificar.

A idéia fundamental de Gurdjieff era simples e surpreendente. O homem é um tal amontoado de impulsos e emoções que dificilmente se poderia dizer que ele existe em qualquer sentido significativo. Muda de hora em hora, quase de instante em instante, sendo uma vítima desamparada dos eventos que o levam para a frente. Está sempre a vagar numa espécie de estados de hipnose. A rigor, num sentido quase literal, está sempre dormindo o tempo todo. Tem momentos ocasionais de intensidade, vislumbres durante os quais entrevê o que *podia* ser e a liberdade de que é potencialmente capaz. Instantaneamente, porém, sua mente volta a adormecer e de novo ele entra na vida de rotina, na existência cheia de hábitos, com a mente inteiramente ocupada por banalidades às quais atribui muito mais importância do que merecem.

É possível "despertar"? Era o que Ouspensky desejava saber. Gurdjieff dizia que sim, embora achasse difícil. O hábito de que tentamos escapar é uma correnteza fortíssima, e depois de nadar contra ela durante alguns minutos, começamos a perder forças e voltamos a dormir. É necessário seguir um método preciso de fuga.

O homem é uma máquina. Se quiser aprender a elevar-se acima de sua "mecanicidade" ("viver e viver parcialmente", como diz Eliot), deve compreender a máquina.

A essência da doutrina de Gurdjieff pode ser resumida numa imagem encontrada no notável romance *The Haunted Woman*, de David Lindsay. Uma mulher pretende comprar uma casa de um homem que não conhece. De um modo geral, são indiferentes um para o outro, tendo pouca coisa em comum. Mas quando ela atravessa sozinha o *hall* da casa, vê um lance de escada que conduz ao andar de cima. Ao subir os degraus, atinge uma parte da casa que deixou de existir muito tempo antes; a vista pela janela é diferente da que ela conhece. E quando se vê num espelho, ela também é diferente, de certa forma mais amadurecida e desenvolvida — ela "se compreende". O "eu" que ela vê no espelho é a pessoa que ela poderia vir a ser, digamos assim, se as circunstâncias tivessem sido ideais para o desenvolvimento de suas qualidades interiores.

O homem de quem ela pode comprar a casa também sobe a escada e a encontra lá em cima. Ele também está mudado, e essas duas pessoas que "se compreendem" se apaixonam uma pela outra. Contudo, ao descender para o andar de baixo, esquecem-se totalmente de todo o ocorrido no andar superior, que já não existe mais. E quando, acidentalmente, novamente se vêem na parte de cima, põem-se a imaginar um método de superar a amnésia, e *um lembra o outro* de outras partes da casa.

Lindsay criou uma imagem do problema fundamental do artista e do místico. Nos momentos de "consciência mais elevada" sempre existe uma sensação de "Mas, é claro!". A vida é infinitamente cheia de significados. Suas possibilidades são repentinamente ilimitadas, e a "consciência normal" é vista